

Com matérias-primas e processos mais baratos, pesquisadores gaúchos querem produzir placas solares de alta eficiência

Alternativas energéticas para o futuro

Rodrigo Pelot

Um casal de pesquisadores do Rio Grande do Sul quer colocar o Brasil entre os grandes no mercado mundial de energia solar. Desde 2004, Adriano Moehlecke e Izete Zanesco coordenam o desenvolvimento de uma planta-piloto para produção industrial de módulos fotovoltaicos – placas que absorvem radiação solar e a convertem em eletricidade. Ao fim do projeto, em maio de 2008, terão sido investidos R\$ 6 milhões, dos quais R\$ 2,6 milhões aplicados pela FINEP.

“Nosso objetivo é produzir equipamentos com a mesma eficiência dos concorrentes internacionais, porém a custos menores. Descobrimos matérias-primas e processos mais baratos e, de acordo com previsões preliminares, podemos reduzir o preço dos módulos em até 15%”, explica Moehlecke. O projeto é realizado no Núcleo Tecnológico de Energia Solar (NT-Solar), da Faculdade de Física da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS).

O mercado de energia solar, que cresce em média 40% ao ano, movimentou cerca de US\$ 15 bilhões em 2006. A capacidade de produção de todos os módulos vendidos ao redor do mundo no ano passado foi de 2.536 megawatts, o que equivale a 15% da potência de Itaipu, hidrelétrica responsável por 30% do abastecimento brasileiro. “Não a vejo como fonte principal, mas acho perfeitamente viável que a energia solar, no futuro, seja responsável por até 30% do abastecimento de qualquer país”, diz Moehlecke.

O apoio ao projeto faz parte do esforço da FINEP em estimular o desenvolvimento de novas tecnologias em energias renováveis. O objetivo principal é substituir os combustíveis fósseis, responsáveis por 80% das emissões de gases que geram o efeito estufa.

Segundo o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas da Organização das Nações Unidas, vencedor do Prêmio Nobel da Paz deste ano e principal referência mundial em mudanças climáticas, a temperatura global poderá se elevar em 6 graus até 2099. Dessa forma, o aumento do nível dos mares seria inevitável, assim como o derretimento de grandes superfícies de gelo e neve. Com isso, 100 milhões de pessoas que vivem a menos de um metro acima do nível do mar correm riscos.

Biodiesel

Para ajudar a reverter esse quadro, outra opção é o biodiesel, combustível renovável obtido a partir de plantas oleaginosas, como a mamona, o dendê e a soja. No ano passado, a FINEP investiu R\$ 12 milhões para capacitar 32 laboratórios, que irão atestar a qualidade do produto consumido no País. A ideia é que, em cada região, exista um laboratório âncora que dê subsídios a outros menores.

Laércio Siqueira, analista de projetos na área de energia da FINEP, explica que a utilização do biodiesel depende dessa certificação, já que todo combustível consumido no Brasil precisa estar de acordo com os padrões instituídos pela Agência Nacional de Petróleo (ANP). Ainda este ano, a FINEP vai aportar mais R\$ 3 milhões no projeto e, em 2008, outros R\$ 3 milhões.

Desde 2003, a Financiadora já investiu cerca de R\$ 40 milhões no setor de biodiesel e, no ano que vem, irá lançar uma chamada pública no valor de R\$ 13 milhões para selecionar projetos na área. Outro destaque de 2008 será o lançamento de uma chamada pública no valor de R\$ 10 milhões para o setor de etanol, extraído da cana-de-açúcar considerada uma eficiente alternativa aos combustíveis fósseis. ■